

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

... ad ea quae sunt priora extendens me ipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—Carta Encyclica do Nosso SS. Padre Leão XIII, Papa pela divina Providencia.—Secção Scientifica: O Papado e a civilização, Discurso do Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. Dr. Theotônio Manuel Ribeiro Vieira de Castro.—Secção Historica: Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 24.^o, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: Coisas! Coisas! por um leitor de gazetas.—Secção Litteraria: No baile, poesia, por Mattos Ferreira.—Secção Necrologica, pelo Padre Joaquim Ferreira de Freitas.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.—Bibliotheca Romantica, 7.^a folha, A Filha da Condessa, versão de Mattos Ferreira.

CARTA ENCYCLICA

DO NOSSO SANTISSIMO PADRE

LEÃO XIII

PAPA PELA DIVINA PROVIDENCIA

Aos Patriarchas, Primazes, Arcebispos e Bispos e a todos os feis em graça e communhão com a Sé Apostolica

Aos Veneraveis Irmãos Patriarchas, Primazes, Arcebispos e Bispos e aos dilectos filhos e todos os feis em graça e communhão com a Sé Apostolica.

LEÃO PP. XIII

VENERAVEIS IRMÃOS, DILECTOS FILHOS
SAUDE E BENÇÃO APOSTOLICA

o expirar o anno, em que, por singular favor e beneficio de Deos, celebramos são e salvos o quinquagesimo anniversario do Sacerdocio, o Nosso animo volve-se naturalmente aos passados mezes, e da recordação de todo este tempo grandemente se deleita. E muita razão tem para isso: pois um acontecimento que só a Nós pessoalmente se referia, e que não era nem em si mesmo grande, nem maravilhoso pela novidade, suscitou comtudo nos animos um enthusiasmo inaudito, e foi celebrado com tantas e tão esplendidas manifestações de alegria e de congratulação, que mais não podia desejar-se. Isto certamente foi para Nós sumamente grato e jucundo: mas o que sobretudo apreciamos foi a significação das demonstrações e a constancia na fé francamente professada. A concorde acclamação, com que de todas as partes do mundo fomos saudados, dizia clara e abertamente que de todas as regiões do universo os pensamentos e os corações estão fixos no Vigario de Christo; que entre tantos males, que Nos opprimem, os homens collocam com confiança as suas vistas na Sé Aposto-

lica, como em uma fonte perenne e imaculada de salvação; e que por toda a parte onde reina o nome catholico, se respeita e venera, como é devido, com ardente amor e summa concordia, a Igreja Romana, mãe e mestra de todas as Igrejas.

Por estas razões nos mezes passados mais d'uma vez levantamos os olhos ao ceo, agradecendo a Deos optimo e immortal por ter-Nos benignamente concedido tão longa vida e aquelle conforto nas Nossas pennas, que acima recordamos. Ao mesmo tempo, sempre que se Nos offereceu occasião, protestamos, a quem era justo, o reconhecimento do Nosso coração. E agora o encerramento do anno e do jubileo convida-Nos a renovar a memoria do beneficio recebido; e muito Nos é agradavel que toda a Igreja se una conosco para tributar novas acções de graças a Deos. Nosso coração sente ao mesmo tempo a necessidade de publicamente testemunhar-vos, como fazemos com as presentes letras, que assim como Nos serviram de grande alivio no meio dos Nossos cuidados e tribulações as muitas provas de reverencia, de cortezia e de amor que de vós recebemos, assim também d'ellas conservamos eterna memoria e gratidão.

Resta-Nos porem ainda um grave e santo dever. No meio d'este enthusiasmo em venerar e honrar com insolito ardor o Romano Pontifice, Nós vemos o poder e a vontade d'Aquelle que muitas vezes costuma, e é o unico que pode de cousas minimas tirar o principio de grandes bens. Parece portanto que Deus providentissimo quiz no meio de tanta perversão d'ideias avivar a fé e offerecer-Nos ao mesmo tempo a oppor-tunidade de chamar o povo christão ao amor d'uma vida melhor. Por isso não resta senão pôr mãos á obra, a fim de que a tão bons principios correspondam as consequencias, e procurar o mais que é possivel que os designios de Deos sejam intendidos e actuados na pratica da vida.

A devoção á Sé Apostolica será finalmente plena e em tudo perfeita quando, unida ao ornamento das virtudes christãs, guiar os homens á salvação; pois é este o fructo unicamente desejavel e d'eterna duração.

Da summidade do ministerio apostolico em que a bondade de Deos Nos collocou, tomamos muitas vezes, como convinha, a defeza da verdade, e procuramos expôr principalmente os pontos de doutrina que Nos pareciam mais adequados ás necessidades e uteis ao bem publico; a fim de que, conhecida a verdade, cada um vigiando e acautelando-se, evitasse o sopro mortifero do erro. Hoje porem, como pae amantissimo dos seus filhos, queremos fallar a todos os christãos e com exhortação familiar excitar cada um d'elles a emprehender um systema de vida christã. Por quanto, para merecer o nome de christão, alem da profissão da fé, é necessario o exercicio das virtudes christãs, das quaes não só depende a salvação eterna da alma, mas também a verdadeira prosperidade social e a tranquillidade das nações. Se observamos o methodo de vida que hoje se segue, não ha ninguem que não veja como os costumes publicos e privados são em opposição aos preceitos evangelicos. Cahe perfeitamente ao nosso tempo a sentença do Apostolo João: *Omne quod in mundo est, concupiscentiae carnis est, et concupiscentia oculorum, et superbia vitae* (1). «Tudo o que existe no mundo, é tudo concupiscentia da carne, sede de riquezas, e soberbia da vida». A maior parte, com effeito, esquecendo o principio, d'onde nasceram, e o fim a que são chamados, põe todos os seus pensamentos e cuidados nos vãos e caducos bens da terra; e violentando a natureza, e subvertendo a ordem estabelecida, tornam-se voluntariamente escravos d'aquellas cousas, que o homem, segundo a razão, deveria dominar. E' pois natural,

(1) I, Ep. II, 16,

que ao amor das commodidades e dos prazeres se una a cobiça de tudo aquillo que serve para adquiril-os. D'aqui vem aquella desenfreada avidez de dinheiro que cega os que d'ella são possuidos, e corre a saciar-se com impetuoso ardor, sem distinguir muitas vezes o justo do injusto, e não poucas vezes com revoltante offensa da miseria alheia. E assim muitissimos, que vivem nadando no ouro, alardeam fraternidade com o povo, que no fundo do coração soberbamente desprezam. Do mesmo modo o animo ensoberbecido tenta sacudir o jogo de todas as leis, calca aos pés toda a auctoridade, chama liberdade ao egoismo; e cada um d'elles «como a cria do onagro julga-se nascido livre» *tamquam pullum onagri se liberum natum putat* (1). A isto se unem os incentivos do vicio, e os factos incitamentos ao peccado, isto é as representações theatraes impias e licenciosas, as obras e os jornaes escriptos para cohonestar o vicio e escarnecer a virtude, as mesmas artes inventadas para as commodidades da vida e para a honesta recreação do espirito, transformadas em incentivo para inflamar as paixões humanas. Não é possível lançar as vistas sobre o futuro sem sentir-se possuidos de temor ao ver os novos germes dos males que continuamente se accumulam no seio da nova geração. Conheceis o que são hoje as eschololas publicas: não se admittê n'ellas a auctoridade ecclesiastica; e quando exactamente seria immensamente necessario formar com o mais vivo cuidado na pratica dos deveres christãos os corações dos meninos na idade em que mais tenros se conservam, subtrahem-se o mais das vezes ao ensino religioso. Quando chegam á adolescencia estão expostos a perigo ainda maior, como é uma corrupta doutrina, a qual muitas vezes é de tal natureza, que serve mais depressa para infatuar com os sophismas do erro, do que para instruir a juventude com as noções da verdade. Por quanto, ha muitissimos que no ensino das sciencias, desprezada inteiramente a fé divina, preferem philosophar com a unica guia da razão, e por isso, abandonado o solido fundamento e a luz resplandecente da fé, succede que em muitas cousas não distinguem a verdade e cahem no erro. Tal é a crença de que o que existe no mundo é tudo corporeo, e que os homens e os animaes tem a mesma origem e natureza; e nem falta quem duvide se existe ou não um Deos, supremo artifice do mundo e dominador de todas as cousas, ou erre torpemente sobre a sua natureza á maneira dos pagãos.

(1) Job. XI, 12.

D'aqui se segue necessariamente o ser alterado tambem o conceito e a forma da virtude, do direito e do dever. E d'este modo, em quanto apregoam com a gloria a supermacia da razão e exallam d'um modo extraordinario o acume do engeuho, pagam com a igno- raucia das maiores verdades a pena de vida á sua soberba. Com a preversão das ideias infiltra-se, para assim dizer, até nas veias e na medulla dos ossos a corrupção dos costumes; esta, em semelhante gente, não pode curar-se sem immensa difficuldade, pois que d'um lado os falsos principios adulteram a ideia da honestidade, e do outro falta a luz da fé christã, que é o principio e fundamento de toda a justiça.

Quantos males tem vindo por estas causas á sociedade humana o estamos vendo todos os dias com os nossos olhos. O veneno das ruins doutrinas invadiu rapidamente a vida publica e particular: o *racionalismo*, o *materialismo* e o *atheismo* geram o *socialismo*, o *communismo* e o *nihilismo*, pestes atrozes e funestas que brotam logica e inevitavelmente de semelhantes principios. E na verdade, se pode impunemente rejeitar-se a religião catholica, cuja divina origem se torna clara e patente por signaes tão evidentes, porque não se deveriam repellir as outras formas de culto que não tem taes provas de credibilidade? Se a alma não é por sua natureza distincta do corpo, e por consequencia se depois da morte do corpo nenhuma esperanza nos resta d'uma eternidade feliz, porque devemos nós sugerital-o ás fadigas e aos incommodos para submeter os appetites á razão? O bem supremo do homem consiste no gozo das commodidades e dos prazeres da vida. E como ninguem ha que por instincto e impulso da natureza não tenda á felicidade, com razão cada um despojaria, como podesse, os outros para conseguir com a sua espoliação o gozo da felicidade. Nem haveria poder no mundo que livesse freios tão fortes para conter as paixões impetuosas, pois que sendo repudiada a lei suprema e eterna de Deos, é forçoso que as leis percam seu vigor e se enfraqueça toda a auctoridade. Portanto, não pode deixar de ser que a sociedade civil completamente se desorganize, sendo os que a compõe impellidos a perpetua luclia por seus insaciaveis desejos, uns combatendo por conseguir os bens ambicionados, outros procurando conservar-os.

E' esta na verdade a tendencia da nossa epocha. Ha todavia no meio dos presentes males, de que possamos consolar-nos, e erguer o espirito a melhores esperanças para a futuro. Por quanto, *Deus creavit ut essent omnia, et sanabiles fecit nationes orbis ter-*

rarum (1): «Deos creou todas as cousas para que existissem e fez sanaveis as nações de todo o orbe.» Mas como este mundo não pode ser conservado senão pela vontade e providencia d'Aquelle que o creou, assim tambem não podem os homens ser sanados senão unicamente pela virtude d'Aquelle que os remiu. Pois que se Jesus Christo com o preço do seu sangue regastou uma vez só o genero humano, é comtudo perenne e constante a efficia de obra tão grande e de tamanho beneficio: *et non est in alio aliquo salus* (2); «e não ha salvação senão n'elle.» Porisso todos os que se afanam em extinguir á força de leis a chama crescente das paixões populares, trabalham sem duvida pela justiça; mas devem tambem persuadir-se de que nenhum ou muito pouco fructo colherão de suas fadigas, se se obstinarem a repudiar a virtude do Evangelho e a não querer a cooperação da Igreja. O remedio dos presentes males está em que se mude de propositos, e que os individuos e a sociedade voltem a Jesus Christo e ao recto caminho da vida christã.

Ora a substancia e a base da vida christã consiste em não secundar os corruptos costumes do seculo, mas combatel-os com firmeza viril. Isto nos pregam as palavras e os factos, as leis e as instituições, a vida e a morte de Jesus *auctoris fidei et consummatoris* «principio e coroa da fé». Portanto, ainda que a depravação da natureza e dos costumes nos attraia para outro lado longe da meta, é necessario que corramos *ad propositum nobis certamen*, «ao combate que nos pertence» armados e promptos com aquella mesma coragem e aquellas mesmas armas de que usou Aquelle que *proposito sibi gaudio, sustinuit crucem* (3), «havendo-lhe sido proposto o gozo, soffreu a cruz». Vejam portanto os homens e intendam principalmente quanto é contrario á profissão da fé christã andar correndo, como hoje se costuma, atraz de toda a especie de prazeres, temer a fadiga, companheira da virtude, nada recusar a si mesmo d'aquillo que suave e delicadamente delecta os sentidos. *Qui sunt Christi carnem crucifixerunt cum vitiis et concupiscentiis* (4); «aquelles, que são de Jesus Christo crucificaram sua carne com vicios e concupiscencias». Do que se infere, que não são de Jesus Christo aquelles, que não se exercitam nem se habitam a soffrer, desprezando a moleza e as delicadas voluptuosidades. O homem, graças, á infinita bondade de Deos, resurgiu para

(1) Sap. I, 14.

(2) Act. IV, 12.

(3) Heb. XII, 1, 2.

(4) Galat. V, 24.

a esperança dos bens immortaes de que tinha decabido; mas não pode con-seguil-os, se não conformar a Jesus Christo o seu coração e os seus costumes, procurando seguir suas pizadas, e meditando seus exemplos. Porisso não é conselho mas dever, e não só os que abraçam uma vida mais perfeita, mas todos indistinctamente, devem, *mortificationem Jesu in corpore circumferre* (1), «trazer sempre no corpo a mortificação de Jesus». Como poderia aliás permanecer firme a mesma lei da natureza, que manda ao homem viver virtuosamente? Pois se com o santo baptismo se apaga a culpa que nascendo contrahimos, nem porisso se extinguem os germes depravados produzidos pelo peccado.

Aquella parte do homem que é irracional, ou o apetite sensitivo, ainda que não pode ser nocivo a quem, com a graça de Jesus Christo o combate virilmente, contende todavia o imperio á razão, perturba a paz e estabilidade do espirito, e tyrannicamente arrasta a vontade para longe da virtude com tanta força, que não podemos sem uma lucta continua nem fugir ao vicio nem cumprir nossos deveres. *Manere autem in baptizatis concupiscentiam vel fomittem, haec sancta Synodus fatetur ac sensit, quae cum ad agonem relicta sit, nocere non consentientibus, sed viriliter per Jesus Christi gratiam repugnantibus non valet; quinimo qui legitime certaverit, coronabitur* (2). «O santo Concilio sente e ensina que fica nos que se baptizam a concupiscencia e o incentivo, o qual, deixado ao homem para que combata, não pode ser nocivo a quem, longe de dar-lhe assenso, com a graça de Jesus Christo lhe resiste energicamente; pois antes quem combaterá devidamente, será coroado». N'este combate ha um grao de fortaleza, a que não chega senão uma virtude excellente, e tal é a d'aquelles que em debelar os movimentos contrarios á razão, de tal modo se avantajam, que parece terem na terra uma vida quasi celeste. Ainda que só poucos chegam a tanta altura de perfeição; não ha ninguem que, segundo os mesmos preceitos da philosophia antiga, não deva conter as proprias paixões, mormente aquelles a quem o uso quotidiano das cousas terrenas é maior incentivo ao vicio; a menos que não haja alguem que estultamente creia que deve ser menor a vigilancia onde é mais imminente o perigo, ou que carece menos de remedio quem mais gravemente está enfermo.

Mas as fadigas e os soffrimentos que n'esta lucta se supportam são compen-

sados não só pelos bens celestes e immortaes, mas ainda por outras importantes vantagens, e a primeira de todas é que, reordenados os appetes do homem, multissimo á natureza se restitue da sua dignidade primitiva. Por quanto, o homem foi creado com a lei e a ordem de que a alma dominasse o corpo, e o appetite fosse governado pela razão e pela reflexão, e porisso a liberdade mais sublime e que mais pode desejar-se é não dar-se em poder das tyrannicas paixões.

Alem disto, sem esta disposição do animo, não vemos qual o bem que possa esperar-se do mesmo homem social. E poderá por ventura ser inclinado a beneficiar os outros quem está acostumado a tomar no amor de si mesmo a norma e a medida do que deve fazer e evitar? Ninguem, que não souber vencer a si mesmo, e desprezar todas as cousas humanas por amor da virtude, poderá nunca ser magnanimo, nem benefico, nem misericordioso, nem desinteressado.

Não passaremos em silencio como por designio divino parece disposto que não se possa sem a lucta e a dôr dar aos homens salvação. E com effeito se Deos concedeu ao homem a remissão da culpa e o perdão dos erros, o fez com a condição de que o seu Unigenito tomasse sobre si a pena. E Jesus Christo, podendo por outros meios satisfazer a justiça divina, quiz antes satisfazer a com o preço dos maiores tormentos, do sangue e da morte. E assim aos seus discipulos e sequazes impoz a lei, sellada com o seu sangue, de que a sua vida fosse uma perpetua batalha com os vicios dos costumes e dos tempos. E o que foi que tornou invictos os Apostolos em ensinar a verdade ao mundo, e que deu força a innumeraveis martyres quando davam testemunho á fé christã com a prova suprema do sangue, senão a disposição do animo obediente sem temor a esta lei? Não tomaram outro caminho os que tiveram a peito viver christãmente, e grangear o proprio bem com a virtude: nem outro caminho devemos nós seguir se queremos procurar a nossa salvação e a dos outros. Portanto, no meio d'esta impudente e dominante licença, é necessario que cada um se defenda fortemente contra as seducções da luxuria; e já que é tão desfarçada a ostentação que costuma fazer-se d'uma vida comoda e opulenta, é necessario premunir o animo contra a fascinação do luxo e das riquezas; a fim de que o coração anhellando aquellas cousas que não podem sacial-o e são fugazes, não venha a perder um thesouro immorredoiro no ceo. Em fim é tambem para deplorar que maximas e exemplos perniciosos tenham tido tanta força de

effeminar os animos a tal ponto, que um grande numero hoje se envergonha do nome e da vida christã; o que é proprio ou d'uma grande corrupção, ou d'uma grande pusilanimidade e cobardia. São estes dois males, detestaveis igualmente, e de tal natureza, que maior desgraça não pode succeder ao homem. E na verdade que recurso ficaria aos homens, e em que apoiariam elles as suas esperanças, quando deixassem de gloriar-se do nome de Jesus Christo, e recusassem traduzir abertamente e com firmeza os preceitos evangelicos na pratica da vida? Todos se queixam de que a nossa epocha é infecunda de homens fortes. Pois tornem em vigor os costumes christãos, e com elles o espirito humano de novo adquirirá firmeza e constancia.

A uma tal grandeza e variedade de deveres, não pode bastar só a virtude do homem. Convem, portanto, que assim como se pede a Deos o pão quotidiano para o alimento do corpo, assim tambem se implore a força e o vigor da alma, para que ella se fortifique na pratica da virtude. Porisso aquella lei e condição commum, que, como dissemos, consiste em um perpetuo combate, está sempre unida, com a necessidade da oração. Pois que, como com verdade e com graça diz S. Agostinho, a pia oração passa os espaços do mundo e chama do ceo sobre nós a misericordia divina. Contra os assaltos das paixões tumultuantes e contra as insidias do demonio, para não cahir nas suas ciladas, devemos pedir os confortos e auxilios celestes, conforme o divino oraculo: *orate ut non intretis in tentationem* (1), «oraes para não cahir em tentação». E quanto isto nos é mais necessario se queremos procurar tambem a salvação dos outros! Christo nosso Senhor, Unigenito filho de Deos, a fonte de toda a graça e virtude, mostrou-nos antes com o exemplo o que depois nos manda com a palavra; «passando as noites orando a Deos» *erat pernoctans in oratione Dei* (2); e já proximo ao sacrificio *prolixus orabat* (3), «prolongava a sua oração». E na verdade seria muito menos para temer a fragilidade da natureza, e nem os costumes se corromperiam no ocio e na preguiça, se este divino preceito não fosse por negligencia e por tedio tantas vezes esquecido. Deos deixa-se applacar com a oração, quer beneficiar os homens, e prometteu claramente que a mãos largas dispensará riqueza de graças a quem as pedir. Antes, elle mesmo nos convida e quasi nos provoca a pedil-as, com aquellas amoro-

(1) II Cor. IV, 10.

(2) Conc. Trid. Sess. V, can. 5.

(1) Math., XXVI, 41.

(2) Luc., VI, 12.

(3) Luc., XXII, 48.

sissimas palavras: *Ego dico vobis, petite et dabitur vobis, quaerite et invenietis, pulsate et aperietur vobis* (1): «Eu vos digo, pedi e vos será concedido, procurae e achareis, batei e vos será aberto». E para que não receemos de supplicar-o com confiança e familiaridade, modifica a sua magestade divina com a imagem e semelhança de pater noster, a quem nada é mais doce no mundo do que o amor de seus filhos: *Si ergo vos, cum sitis, mali nostis bona data dare filiis vestris, quanto magis Pater, qui in caelis est, dabit omnia petentibus se?* (2) «Se vós, que sois maos, sabeis dar aos vossos filhos os bens a vós concedidos, quanto mais o Pae que está nos ceos, os dará todos aos que li'os pedirem?»

Quem meditar todas estas cousas não se admirará muito de que tanta pareça a um João Chrysostomo a efficacia das preces humanas, que as julgue comparaveis com o mesmo poder de Deos. Porquanto, do mesmo modo que Deos com uma palavra creou o universo, o homem com uma oração impetra d'elle o que deseja. Nada é mais efficaz para obter graças do que uma boa oração; pois que ella encerra aquelles motivos pelos quaes Deus se deixa mais facilmente applicar e inclinar a misericordia. Na oração nós distrahimos o animo das cousas mortaes, e fixando o pensamento unicamente na contemplação de Deos, temos a consciencia da fraqueza humana: por isso repousamos na bondade e no amplexo de nosso Pae, e procuramos um refugio no poder do creador. Apresentamo-nos animosamente ao Auctor de todos os bens, quasi querendo pôr debaixo de seus olhos a nossa alma enferma, as nossas fracas forças, a nossa indigencia: e cheios de esperança imploramos a tutela e o soccorro d'Aquella, que é quem só pode subministrar o remedio das nossas enfermidades e levantar a nossa miseria e fraqueza. Graças a esta boa disposição do animo, o qual com modestia e humildade, como convem, pensa de si mesmo, maravilhosamente Deos se inclina à clemencia; porque do mesmo modo que resiste aos soberbos, é liberal com os humildes, *humilibus dat gratiam* (3). Seja pois para todos uma cousa sagrada a pratica da oração; orem a mente, o coração e a voz, e harmonize a vida com a oração, a fim de que a nossa vida, graças à observancia das leis divinas, seja como um vôo continuo da alma para Deos.

Do mesmo modo que todas as outras virtudes, assim esta de que fallamos, nasce e é sustentada pela fé divina.

Porquanto Deos é quem nos ensina, quaes são os bens verdadeiros e que devem desejar-se, e nos faz conhecer a sua infinita bondade e os merecimentos de Jesus Redemptor. E ao mesmo tempo nada é mais proprio, que a pia pratica da oração, para alimentar e augmentar a fé. E d'esta virtude, em muitos enfraquecida e em outros extincta, nos parece evidente quanto é hoje urgente a necessidade. E' d'ella que deve esperar-se não só a reforma dos costumes privados, mas tambem a norma para julgar d'aquellas cousas, cujo conflicto não deixa gozar os Estados de tranquillidade e segurança. Se o povo é atormentado por uma sede ardente de liberdade, se por toda a parte rebenta ameaçador o fremito dos proletarios, se a desnaturada avidéz dos bemaventurados do mundo nunca diz basta, se ha outras desordens de tal natureza, a tudo isto não pode certamente dar-se melhor e mais seguro remedio que a fé christã, como outra vez mais amplamente demonstramos.

E aqui vem a proposito voltar o pensamento e dirigir a palavra a vós todos, que Deos escolheu para seus cooperadores na dispensação dos mysterios, e revestiu do seu divino poder. Se procurarmos as causas da salvação publica e particular, não pode duvidar-se de que para o bem e para o mal muito podem a vida e os costumes dos ecclesiasticos. Lembrem-se pois que são chamados por Jesus Christo *lucem mundi* «luz do mundo», porisso que «à semelhança da luz que illumina todo o orbe convem que resplandeça a alma do sacerdote», *luminis instar universum orbem illustrantis, sacerdotis animum splendescere oportet* (1). Requer-se no sacerdote a luz, e não vulgar, da doutrina; pois que é seu officio infundir nos outros a sabedoria, extirpar os erros, e tornar-se guia do povo pelas lubricas e incertas veredas da vida. A doutrina porem deve antes de tudo ter por companhia a innocencia da vida, principalmente porque em reformar os homens consegue-se mais com o exemplo do que com a palavra: *Luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona* (2). «Resplandeça a vossa luz aos olhos dos homens, para que vejam as vossas boas acções». A qual sentença divina significa, que deve ser tal a perfeição nos sacerdotes e tão consummadas as suas virtudes, que possam servir de exemplo a quem os observa: *Nihil est, quod alios magis ad pietatem et Deum cultum assidue instruat, quam eorum vita et exemplum, qui se divino ministerio dedicarunt: cum enim a rebus se-*

culi in altiore sublato locum conspiciantur, in eos tanquam in speculum reliqui oculos concipiunt, ex eisque sumunt quod imitentur (1). «Nada instrue melhor os outros na piedade e religião, como a vida e o exemplo d'aquelles que se dedicaram ao divino ministerio: porque sendo elles expostos às vistas em logar mais alto e sobranceiro às cousas do mundo, todos se olham n'elles, e d'elles tomam o exemplo para imitar.» Por isso se todos os homens devem cuidadosamente guardar-se de tropeçar nos escolhos dos vicios e de correr com immoderado amor atraz das causas caducas, é bem claro com quanta maior razão isto devem fazer os sacerdotes com todo o escrupuloso cuidado e constancia.

Porem pouco é não servir às paixões: a santidade do seu sublime grao exige alem d'isso que se exercitem em dominar fortemente a si mesmos e a pôr ao serviço de Christo todas as potencias da alma, especialmente a intelligencia e a vontade, que impera sobre as outras. *Qui relinquere universa disponis, te quoque inter relinquenda connumerare memento; imo maxime et principaliter abnega temetipsum.* (2) «Tu que te dispões a abandonar tudo, recorda-te que entre as cousas que deves deixar é o amor de ti mesmo, antes sobretudo renega a ti mesmo.» Quando elles tiverem o coração livre e desapegado de todas as ambições, então finalmente conceberão um zelo ardente e generoso da salvação dos outros, sem o que nem mesmo poderão prover sufficientemente à sua propria: *Unus erit de subtilis quaestus, una pompa, unaque voluptas, si quomodo posseunt parare plebem perfectam. Id omnibus satagent etiam multa contritione cordis et corporis, id labore et aerumna, in fame et siti, in frigore et nuditate* (3). «Um unico lucro, uma só gloria, um só gozo elles devem procurar nos seus subditos, e é desvejar-se em preparar a'elles um povo perfeito. N'isto todos devem occupar-se, mortificando porem a carne, e não olhando a fadigas e a penas, a fome e a sede, a frio e a nudez.» Esta virtude sempre impavida e vigilante, que se arroja pelo bem do proximo a arduas emprezas, fomenta e fortalece a admiravelmente a contemplação das causas celestes; e quanto mais a ella se dedicarem, melhor entenderão a grandeza, a excellencia e a santidade do ministerio sacerdotal. Meditarão tambem quanto é para deplorar que tantos que foram remidos por Jesus Christo, se precipitem na ruina eterna; e com a meditação da

(1) Luc., XI, 9.

(2) Math., VII, 11.

(3) Petr., V, 5.

(1) S. Jo. Chrysost., De Sac., l. 3, c. 1.

(2) Math., V, 16.

(1) Conc. Trid. sess. XXII, c. 1, de Ref.

(2) S. Bernard., Declam. c. 1.

(3) Idem, Lio. IV, de Consid., c. 2.

natureza divina cada vez mais excitaraõ a si mesmos e os outros ao amor de Deos.

Eis a via segurissima da salvaçaõ pu-blica. Porcm deve-se estar mui attentos a que ninguem se abata pela grandeza das difficuldades, ou que pela diuturni-dade dos males desespere da cura so-cial. A imparcial e immutavel justica de Deos reserva o premio para as boas obras e a pena para as mãs; todavia as nações, que não podem sobreviver ao tempo, convem que tenham a sua retribuiçaõ a terra. Não é novo, é ver-dade, que successos prosperos alegrem uma naçaõ peccadora, e isto Deos per-mitte por justa disposiçaõ: pois que não havendo algum povo no mundo que seja inteiramente falto de honestidade, com estes galardões Elle às vezes remunera as boas açpões, como, segundo a opiuião d'Agostinho, succedeu com o povo ro-mano. Todavia é lei estabelecida, que a maior parte das vezes contribua para a prospera fortuna o culto publico da virtude, especialmente da que é mãe de todas, isto é a justica. *Justitia elevat gentes, miseros facit populos peccatum.* (1) A justica exalta as nações, o peccado reduz os povos á miseria. Não importa aqui considerar a injustica triumphante, nem se ha reinos, onde as cousas publicas corram prosperamente e segundo se desejam, e que todavia tragam nas intimas visceras o germe dos males. Só queremos que se intenda, e a historia superabunda de exemplos, que cedo ou tarde se deve pagar a injustica, e tanto mais severamente quanto mais tempo durou a iniquidade. —Pela Nossa parte serve-Nos de grande conforto a sentença do Apostolo: *Omnia enim vestra sunt: vos autem Christi, Christus autem Dei* (2). «Todas as cousas são vossas, vós de Christo, Christo de Deos». O que equivale a dizer que, por secreta disposiçaõ da providencia di-vina o curso das cousas mortaes é di-rigido e governado de modo que tudo o que succede aos homens tudo é su-bordinado á gloria de Deos e a con-duzir ao porto de salvaçaõ aquelles que deveras e do coração seguem Jesus Christo. D'estes é mãe e aia, guia e guarda a Igreja, a qual, com intima e immutavel caridade é unida a Christo, seu esposo, assim se une com elle nas luctas e participa da victoria. Não Nos preocupamos pois, nem devemos preoc-upar-Nos de modo algum pela Igreja, mas trememos pela salvaçaõ de multissimos, os quaes voltando orgulhosamente as costas á Igreja, errando por vias diversas, precepitam-se na eterna condemnaçaõ: e Nos alligimos tambem por aquelles Estados, que somos obri-

gados a ver afastados de Deos, e ador-mecer-se nas bordas do abysmo com estúpida segurança. *Nihil Ecclesiae par est... Quot Ecclesiam oppugnarunt, ipsique perierunt? Ecclesia vero coelos transcendit. Talis est Ecclesiae magnitudo: vincit impugnata, insidiis appetita superat... Luclatus nec posteritur, pugilatu certat, nec vincitur* (1). «Nada pode comparar-se á Igreja... Quantos a impugnaram, todos perece-ram. A Igreja ultrapassa os ceos. A sua grandeza é tal que perseguida triumphia, insidiada supera os assal-tos... lucta e não é abatida, sustenta a peleja e não é nunca vencida».

Não só não é nunca vencida, mas conserva inteira aquella virtude refor-madora, principio de salvaçaõ e em todas as vicissitudes dos tempos im-mutavel, que perennemente attinge e recebe de Deos. E esta força, se já divinamente regenerou o mundo eu-velhecido pelos vicios e perdido nas superstições, porque não podera hoje reconduzil-o dos seus desvarios ao recto caminho? Emudeçam finalmente as suspeitas e os odios; e removidos os obstaculos, seja por toda a parte senhora dos seus direitos a Igreja, á qual pertence conservar e diffundir os benelicios da redempçaõ. Então ver-se-ha com a prova até onde chega o po-der illuminador do Evangelho, e quanto pode a virtude de Christo Redemptor. —Este mesmo anno, que está para expirar, nos mostrou, como dissemos no principio, não poucos indicios de que a fé torna a reviver nos corações. Queira Deos que esta como scintilla levante grande chama, a qual, destrui-das as raizes dos vicios, abra depressa o caminho á renovaçaõ dos costumes e ás obras salutaes.—Nós, a quem foi entregue o governo da mystica nau da Igreja em tempos lão procellosos, fixamos a mente e o coração no divino Piloto, que está sentado invisivel na popa, governando-lhe o leme.

Vós vedes, Senhor, como de todos os lados se desencadeiam impetuosos os ventos, e o mar se agita levantando allissimas vagas. Ah Vós, que só o podeis fazer, imperae aos ventos e ao mar. Dae á humana familia a verdadeira paz, que o mundo não pode dar, a tranquillidade da ordem. Fazei que os homens, pela vossa graça e pelo vosso impulso, tornem á ordem devida, res-taurando nos seus corações a piedade para com Deos, a justica e a caridade para com o proximo, e a temperança para comsigo mesmos com pleno domi-nio da razão sobre o appetite. Venha o vosso reino; e todos aquelles que longe de vós em vão se afaçam em

busca da verdade e da salvaçaõ, inten-dam que é cousa indispensavel que a vós se submettam e vos sirvam. Está na natureza das vossas leis a justica e uma suavidade toda paternal: e vós mesmo nos daes espontaneamente, por meio da vossa graça, a força de ob-serval-as. Milicia é a vida do homem sobre a terra, mas vós mesmo «sois espectador da batalha, ajudaes o homem a vencer, o animaes quando esmorece, o coroaes quando sahe vencedor; *certainen inspectas, et adjuvas hominem ut vincat, et deficientem sublevas et vincentem coronas* (1).

Com o animo levantado por estas considerações e segura esperança, am-orosamente concedemos no Senhor a vós, veneraveis Irmãos, o ao clero e todo o povo catholico, a Bençaõ Apos-tolica, auspicio dos dons celestes e testemunho da Nossa benevolencia.

Dado em Roma, em S. Pedro, no dia do Santo Natal de 1888, anno undecimo do Nosso Pontificado.

LEÃO PP. XIII.

SECÇÃO SCIENTIFICA

O Papado e a Civilisaçaõ

Discurso pronunciado pelo Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Dr. Theotomio Manoel Ribeiro Vieira de Castro, professor e Vice-Reitor do Semina-rio portuense, por occasiã da solemne abertura das aulas do mesmo Semina-rio.

(Continuado do n.º anterior)

SENHORES: Sem a perseverante energia dos Papas, a Europa, em vez de gosar da liberdade christã, alma da civilisaçaõ, te-ria recalhido nos horrores e de-gradações da theocracia antiga. A liberdade não é pois nova na Euro-pa, direi com Madame de Staël, o des-potismo é que é novo.

A liberdade da familia, é tambem um dos titulos mais gloriosos do Papa-do. Além de restabelecerem os impe-dimentos matrimoniaes que serem de nullidade todo o consenso obtido, com ignorancia ou erro substancial, por vio-lencia ou rapto, os Papas, apesar das ameaças e das perseguições dos sobe-ranos, defenderam estrenuamente as propriedades do Matrimonio, contra a polygamia simultanea, e contra o di-vo-rcio *quoad vinculum*: «Bastaria isso, para os tornar immortaes,» diz o histo-riador protestante Muller.

Sem a firmeza e constancia inabal-avel do Papado, em defeza d'esses do-gmas eminentemente sociaes, da uni-

(1) Prov. XIV, 34.

(2) I Cor. III, 22-23.

(1) S. Jo. Chrys. Or. post. Entrop. ca-ptum habita, n. 1.

(1) Cf. S. Agost. in Ps. 52.

dade e da indissolubilidade do Matrimónio, base da família christã, palladio da civilisação, a Europa, no sentir de escriptores de todas as escholas, teria sido invadida, e estaria, na hora presente, flagelada pelas vergonhas da polygamia asiatica.

A liberdade de associação, honra de todos os progressos moraes e materiaes, é egualmente um producto do christianismo, defendido pelo Papado. É o que reconhecem, com Dunoyer, (1) os principaes economistas antigos e modernos.

Os doces dogmas da solidariedade e da fraternidade dos homens, os preceitos de mutua caridade davam naturalmente origem à associação. (2) É então a expansão da vida monastica favorecida pelos Papas, operou prodigios inauditos, em prol do progresso material, por meio de instituições sociaes, e, em prol da humanidade soffredora, por meio de instituições de caridade; e «n'este ponto houve uma explosão de caridade,» observa Monsenhor Dupanloup.

Mas estas e outras liberdades civis, só as pôde garantir o Papado, porque conquistou e protegeu as liberdades politicas.

Observae o mundo antigo, Senhores. Pesavam sobre as nações leis de ferro que a vontade dos prepotentes, escripta com sangue, substituiu à razão e à religião. Observae a aurora da idade media. Os Barbaros, rompendo as florestas boreaes, despenham-se sobre o Sul e o Occidente da Europa, trazendo por codigo uma autrocacia absoluta e feroz. Sem o Papado, o mundo inteiro teria ficado submergido n'esse diluvio de força material, diz Guizot. (3) Os Papas com effeito, com o Evangelho na mão, sahião ao encontro de todos esses tyrannos, e lhes ensinavam que havia direitos superiores que cumpria respeitar, e que a soberania não era um poder humanamente arbitrario, mas de origem celeste, e legitimado pelo consenso do povo livre, consenso condicional que não dava direito à insurreição, mas à resistencia passiva, no caso de injustiça.

E assim se abria uma nova era de regeneração social, assim se inaugurava no mundo o direito publico.

Depois, impondo-se pela ascendencia de suas luzes e de seus beneficios, o Papado achou-se chamado a uma especie de magistratura suprema, protegendo os povos, diz Montalembert (4), contra os caprichos dos despotismos reaes,

e protegendo os principes, contra a brutalidade das revoltas populares.

Quando um Gregorio VII, um Innocencio III, um Bonifacio VIII, «collocaram a tiara acima do sceptro, escrevia um livre pensador allemão (1), não defendiam somente os interesses da religião, mas representavam, no mais alto grau, a potencia do genio sobre a força brutal.»

Era o amor dos povos, tantas vezes oprimidos por senhores injustos, que dictava aos Papas esses brados dignos de ferir os echos dos rostros, onde perto dos degraus do Templo da Concordia, Marco Tullio pronunciava os seus discursos e requisitorias, mais immortaes que a Republica e o Imperio.

Assim, Meus Senhores, sobre as ruinas da escravidão, do cesarismo, e do feudalismo, o Papado collocou o berço dos povos livres; e d'ahi advogou, para o povo, as liberdades politicas, ou o direito de intervir no poder legislativo, judiciario, coercitivo e administrativo. As liberdades municipaes, provinciaes e nacionaes da idade media, dão-nos d'isso uma prova irrespondivel. Hegel (2) pôde dizer que Gregorio VII e seus successores fundaram, com as cidades livres, tantas republicas quantas a antiga Roma tinha destruido. Por isso o apogeu do Papado nos seculos XII e XIII, coincide com o apogeu das liberdades politicas e populares; e toda a historia prova, diz Decker (3) que as nações mais penetradas do espirito christão, foram as mais livres. Os povos, sob o direito publico creado pelos Papas, tinham aprendido que tinham direitos, e ousavam dizel-o em face aos tyrannos: um Tiberio era impossivel porque os Papas o teriam esmagado, confessa (4) um Pastor Protestante contemporaneo.

Desde o dia porém, em que a realleza recusou a influencia paternal do Papado, o absolutismo politico assentou-se em quasi todos os thronos da Europa, e as liberdades dos povos ficaram sem efficaz protecção.

E até hoje, ha tres seculos, não se repudiou o absolutismo senão no nome e na forma, observa Mgr. Ketteler (5). Que um Imperador diga: «A minha vontade é a lei do universo»; que um Principe Protestante decreta: «Cada um deve crer o que eu crer»; que um Soberano affirme: «O Estado sou eu»; que Robespierre troveje: «A liberdade é o despotismo da razão; e a razão é o que eu e o Comité vos ordenar»; que em-

fim o grande propheta dos chamados direitos modernos, Casimiro Perier sustente: «A liberdade é o despotismo da lei, e a lei é o que eu vos prescrever com a maioria das Camaras», as quaes a final não representam o povo, mas representam um partido (1)—tudo isto, Senhores, não é perfeitamente identico!

À luz fulgurante da historia a liberdade pois, em todas as suas legitimadas formas, apparece sempre ensinada, protegida, abençoada, como filha predilecta, pelos Pontifices Romanos; negaló é desconhecer a historia, ou desconhecer a propria liberdade.

A civilisação finalmente é a paz; ora o Papado foi e só elle o guarda da paz.

Nada com effeito está mais na sua indole e natureza escrevia Leão XIII ao Principe de Bismark. E dez seculos de luctas collossaes, que necessitaram da intervenção corajosa e perseverante de mais de sessenta Papas, segundo o computo de um escriptor (2), provam exuberantemente que não são essas as paginas menos gloriosas da historia do Papado.

De todos os pontos do horisonte, desde os Godos de Alarico aos Tartaros de Tamerlan, hordas selvagens lançavam-se periodicamente sobre a Europa, enchendo-a de pavor. Mas o Papado velava, em todas as guardas avançadas do perigo. E os tyrannos cobertos de suas armaduras, à frente de suas innumeraveis legiões, eram forçados a parar, a retirar-se, a suspender ou mitigar suas vinganças, à voz d'um pobre velho, d'um S. Leão, d'um S. Gregorio, d'um Estevão, que lhes fallava em nome do Deus da paz, em nome do direito e da liberdade. Era o sceptro magnifico da liberdade e da paz que constringia o sceptro da força a dobrar-se deante d'elle!

Mais adiante os Papas, abafando com uma das mãos os despotismos, restos do paganismo energico do Septentrião, com a outra corriam em defeza da Europa, contra o fanatismo Musulmano, que ameaçava fazer, do Euphrates ao Guadiana, o que fez e faz da Turquia, do Egypto e da Africa. E então desenvolve-se o vasto e secundissimo movimento das cruzadas.

«A thiara salvou-nos do Crescente» exclama De Maistre (3), «bastaria este beneficio para se lhe levantarem altares», diz Chateaubriand (4). Com effeito, desde Gregorio IV a Urbano II, desde Alexandre III a Sixto IV, mais tarde sob Pio V em Lepanto, (1572) e sob Paulo V, (1682) junto aos muros de Vienna, o Papado não cessou de combatel-o, de

(1) De la liberté du travail.
(2) Les Lois de la société chretienne, por Ch. Perin, l. 2.ª, cap. 8.ª
(3) Histoire Generale de la Civil. en Europe, 2.ª leç.
(4) Moines d'Occident.

(1) Histoire de la chimie et de la physique por Hoefler.
(2) Em Lachaud, ob. cit. Conf. 3.ª
(3) Obr. cit. cap. 8.ª
(4) Coquerel, Essais sur l'histoire du Christianisme, pag. 75.
(5) Liberté, Autorité et Eglise, cap. XIV.

(1) M. Ketteler, obr. cit., cap. XVIII.
(2) Julien—Pape et Sultans.
(3) Du Pape.
(4) Genie du Christianisme.

resistir-lhe, de suscitar-lhe inimigos, aos quaes reunia, animava, subsidiava, dirigia.

Se pois somos livres, sabios e christãos, a elle o devemos.

Além da paz e segurança externa, o Papado, através dos seculos, foi o guarda da paz social, o medianeiro intelligente e respeitado entre a auctoridade e a liberdade, entre a tyrannia dos Principes e Barões, que as leis eram impotentes para refrear, e as rebelliões dos subditos. E assim, no seio de cada nação, triumphava a paz, a justiça e a liberdade e portanto a ordem, porque, como ha mezes, escrevia um insuspeito Jornal portuense, (1) a ordem é o estêdo da liberdade. «Esta intervenção, diz Guizot (2) não pôde ser taxada de usurpação.» Muitas vezes foi sollicitada, pelos povos, como a Gregorio IX, e Innocencio IV, contra o nosso D. Sancho II; outras vezes, pelos Governos, como recentemente a Leão XIII, já pela Allemanha, para que o Pontifice insinuasse aos deputados do centro que votassem, ora a lei ecclesiastica, o que inaugurou a paz religiosa, ora o Septenado Militar, o que salvou a Europa d'um formidavel conflicto, e já pela Inglaterra na questão da martyr Irlanda, tão heroica nas suas desgraças, e cuja lamentavel odissea podemos seguir como se segue um ferido, pelos rastos do seu sangue.

(Continúa).

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

21.

(Continuado do n.º anterior)

XLV

P. João Bolland

BEU grande reputação a este sabio jesuita a obra que elle principiou e que depois foi continuada por alguns dos seus confrades, intitulada *Acta Sanctorum*. É uma vasta e profunda compilação de *Vidas de todos os santos*, cujos auctores são commumente designados com o nome de *Bollandistas*.

Fallemos primeiro de João Bolland, iniciador d'esta monumental publicação, padrão de gloria para a Companhia de Jesus.

Nasceu este insigne varão em Tirlemont, no paiz de Limbourg (Belgica) a

(1) «Commercio Portuguez», artigo a proposito do attentado Pinheiro Chagas.

(1) Obr. it., locq. cit.

18 de agosto de 1596, e, entrando na Companhia de Jesus em 1612, n'ella se deu a conhecer por sua erudição, penetração e zelo religioso. Ensinou humanidades e theologia em Malines com grande reputação de doutrina e virtude.

Estas qualidades o tornaram competentissimo para executar a empresa que tinha projectado o P. Herisberto Rosweid, jesuita, e que não pôde levar a effeito, deixando apenas preparados alguns materiaes: formar uma collecção completa das vidas de todos os santos, sobre os monumentos que existissem em diversas partes do mundo.

Effectivamente, em 1630 João Bolland encarregou-se da grande obra, tomando por collega o P. Godefredo Henschenio, tambem jesuita, que publicaram 5 volumes *in folio* do *Acta Sanctorum*.

Outro famoso sabio da Companhia de Jesus foi chamado a collaborar n'esta collecção: O P. Daniel Papebrock, que foi um dos mais dignos successores de Bolland. Este morreu piamente em Anvers a 12 de Setembro de 1665.

A sua morte foi sentida em toda a christandade, e na maior parte das comunidades religiosas da cidade de Anvers houve exequias para suffragar a alma do fallecido jesuita.

Fallemos agora particularmente da grande obra que lhe deu tanta fama, e que do seu nome se chama a obra dos *Bollandistas*. É em verdade um monumento no seu genero.

Alem do objecto principal d'este trabalho, que versa sobre a vida dos santos de todos os tempos e de todos os paizes, encontra-se n'esta obra varios artigos que interessam não só a historia ecclesiastica, mas ainda a historia civil, á chronologia, á geographia, aos direitos e ás pretensões dos soberanos e dos povos.

Os collectores do *Acta Sanctorum* inserem todas as legendas, verdadeiras, duvidosas e falsas; discutem com uma apurada critica a maior parte dos factos, e eliminam da historia dos santos algumas fabulas de que a tinham carregado ou a ignorancia ou uma piedade mal entendida.

Assim os *Bollandistas* esclarecem na sua obra colossal muitos factos importantes da historia ecclesiastica e civil. E por isso, e pela profundidade e erudição com que está elaborada, tem sido estimada e elogiada esta obra por todos os homens sabios.

O celebre Tito Oates, atheu inglez, em uma carta ao conde de Merode, escreveu o seguinte:

«Se os padres jesuitas não tivessem feito mais que o *Acta Sanctorum*, mereciam ter vindo ao mundo e ser por elles desejados e estimados.»

Esta obra immensa continuou a ser publicada pelos jesuitas até á supressão da Companhia de Jesus em 1773. Em seguida soffreu a interrupção d'alguns annos; mas de novo continuou sob a protecção da imperatriz rainha, Maria Thereza; e recentemente alguns jesuitas da Belgica retomaram a sua continuação. Toda a obra completa consta de mais de 50 volumes grossos *in folio*.

Como já dissemos, todos os auctores d'esta vasta collecção são denominados *Bollandistas*, do primeiro que d'ella se encarregou, o P. Bolland de quem nos temos occupado. Seguiram-se-lhe outros muitos, sendo o principal Daniel Papebrock, fallecido em 1714.

Não trataremos especialmente de cada um d'esses eruditos e infatigaveis agiographos; mas só diremos que todos elles participam da gloria de João Bolland. Quem diz *Bollandistas* diz homens doutissimos, criticos profundos, incançaveis investigadores da historia ecclesiastica e civil.

E, alem d'isso, muitos d'esses *Bollandistas*, se tornaram notaveis como oradores sagrados, como theologos, como ascetas.

Por ultimo advertiremos que na Bibliotheca Publica do Porto ha esta famosa collecção; mas não está a obra completa, o que na verdade é muito para sentir.

XLVI

P. Nicolau Orlandini

Foi este jesuita o primeiro que compoz a *Historia da Companhia de Jesus*, que depois continuaram tres dos seus confrades.

Nicolau Orlandini nasceu em Florença, em 1554, d'uma familia nobre, entrando na Companhia de Jesus, em 1572. Foi reitor do collegio de Nola, e mestre dos noviços em Napoles por alguns annos. Morreu em Roma a 17 de maio de 1608.

O jesuita Orlandini foi um homem pio, sabio e erudito, como o demonstra a obra que deixou e que consta de dois volumes *in folio*: é a historia da sua congregação, escripta em latim puro e elegante. O seu estylo é abundante e rico, cheio de dignidade e d'uma cadencia agradável.

O auctor, homem de probidade e d'um espirito justo, na confecção da sua Historia, trabalhava sobre memorias fornecidas por pessoas bem instruidas, e ordinariamente por testemunhas oculares, e por isso não deve ser suspeita a sua narração.

É uma obra importantissima que trata dos primeiros tempos da Companhia de Jesus, e que convem consultar para confundir os calumniadores d'esta san-

ta congregação. Ali se esclarecem muitos factos deturpados pela ignorancia e malevolencia.

A *Historia da Companhia* foi depois continuada por Francisco Sacchini, José Jouvençy e Julio Cezar Cordara, homens doutíssimos da mesma ordem, e que em nada desmereceram da obra de Orlandini. A collecção completa compõe-se de oito volumes *in-folio*.

Tendo já fallado do P. Jouvençy, em seguida daremos uma breve noticia dos PP. Francisco Sacchini e Julio Cezar Cordara, continuadores da *Historia da Companhia*.

Em conclusão faremos aqui notar que o jesuita Orlandini tambem incorreu no odio dos jansenistas auctores do infame *Extracto de asserções!* Lá vem o seu nome, e porquê? Porque escreveu com exactidão e elegancia a *Historia da Companhia*.

(Continua)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

Coisas! Coisas!

DESRESPEITO com que por ali se occupa a imprensa periodica dos membros do clero, faz pasmar e, ao mesmo tempo, recorda-nos a ira de Deus a pesar sobre essa classe tão respeitada em eras idas, e que hoje, por culpa d'uma grande parte de seus membros está ali achatada, menospresada e sujeita ás vaias de meia duzia de estouvados, que esquecem e desculpam, as mais das vezes, as leviandades de certos padres, mas que não esquecem, nem desculpam o elles serem ministros de uma religião que detestam, por elles envergarem um habito que os amedronta, por elles se opporem aos desmandos que teem corroido a actual sociedade.

Dissemos que toda esta guerra ao padre nos recorda a ira de Deus a pesar sobre uma classe tão respeitada, e podemos affirmar-o, quando observamos o desprezo de certo clero pelas obras mais santamente inspiradas, e que só tendem para o bem da Igreja e da sociedade; quando vemos muitos membros do clero affastar com desdém do seu caminho os jornaes puramente catholicos, quando os não recebem por annos, tendo ao fim d'elles o cynismo de dizer:—não pago nada! quando os vemos ter só dinheiro para pasquinadas politicas, que leem com selvagem entusiasmo, porque lhe afagam as paixões ruins, porque lhe fallam ao paladar estragado.

Não nos regosijamos com essas tiradas ás faces do clero arremessadas, porque conhecemos entre elle decididas vontades por tudo que é grande, dedicções sublimes pelos esplendores da Igreja, pelo progresso de tudo que tende para dar lustre, para exaltar a religião santissima de Jesus Christo. Por isso sentimos tudo que contra o clero se diz, se faz, se escreve, e sempre, aparemos em nosso escudo todos os golpes, todos os tiros que a impiedade lhe dirigir; mas sempre vamos transcrever o que o *Alemquerense* escreve n'um dos seus passados numeros, referindo-se a um padre, politico, sim, mas em todo o caso um padre. Leia-se, e admire-se a ousadia e o descaro e até o desrespeito com que se atira ao pelourinho um membro do clero:

«O deputado padre Alfredo Brandão, sobrinho do bandido João Brandão, atirou-se contra o sr. Consiglieri Pedroso, em plena sessão da camara, por causa de um artigo dos *Debates*.

A inconveniencia do masmarro foi tal que envergonhou os proprios correlligionarios progressistas. Por modos o homem estava com vontade de fazer ao sr. Consiglieri o que o tio fez ao ferreiro da Candoza.

Em tudo isto ha a notar uma coisa: é que estes pimpões só grimpam com aquelles que pelo seu estado physico não lhes podem estender uma bengala no espinhaço.»

Não conhecemos o sr. padre Alfredo Brandão, mas nem por isso deixa de nos indignar que assim seja tratado na imprensa. São ossos do officio de politico, e nada mais.

* * *

Dizem as gazetas de Lisboa que no ministerio da justiça se trabalha na elaboração de uma proposta de lei concedendo aposentações aos parochos.

Boa é a ideia, justo o empreendimento, mas é tarde para se tratar de aposentar os parochos, quando já ha quem se lembre de os tornar uma cousa inutil. Ha de ser uma cousa engraçada dar direito aos parochos a uma aposentação, quando não haja com que lhe pagar o que lhe estiver arbitrado. Os bens dos parochos estão hoje postos em papeis do Estado, este vae pagando os juros d'esses papeis, mas como o fim da Revolução ao vender os bens do clero e trocal-os por papeis do Estado não é outro que dar o primeiro passo para lançar o mesmo clero na penuria, para fazer do clero em geral o que se fez do clero regular, pois que são estes os principios que o grande Frederico da Prussia muito recomendava a Voltaire; como querem os go-

vernos que servem a mesma causa aposentar o clero? Boa aposentação tinha o clero quando senhor unico dos bens da sua parochia, quando os povos pagavam gostosos os dizimos e premicias à Igreja, quando a fé ardia intensa no coração do parochos e parochianos, quando o padre não era um empregado das repartições publicas, como agora, que anda ás ordens das camaras ou dos administradores do concelho como qualquer zelador municipal ou official de diligencias da administração.

Boa aposentação tinha o padre quando era livre, quando era pae dos seus parochianos sem ter que curar dos negocios publicos, sem ter que servir de pedestal ás influencias politicas da localidade. Devolvam ao padre seus antigos direitos e regalias, seus bens e a administração d'elles, e terão decretado a melhor das aposentações para o clero. E' esta a minha opinião.

* * *

Afirmamos que os principios revolucionarios, segundo Voltaire e Frederico da Prussia, eram acabar com a Igreja, reduzir o clero á penuria, e vamos provar isso com as mesmas palavras dos dois revolucionarios e philosophos.

Voltaire escrevia:

«Guerra á religião! Os philosophos devem arriscar-se a tudo, e até deixar-se queimar, para a destruir... As duas verdadeiras divindades d'este mundo são a digestão e o somno. O atheismo é o unico systema que pôde conduzir o homem á liberdade, á felicidade e á virtude.»

Pela sua parte Frederico II, respondendo a uma carta de Voltaire em março de 1767, disse:

«Não ha duvida que destruindo-se esses asylos do fanatismo, o povo chegaria a ser indifferente e tibio para com os objectos que hoje venera. Seria preciso, pois, deitar a terra os claustros, ou pelo menos principiar por diminuir seu numero. O momento agora é magnifico porque os governos francez e austriaco estão cheios de dividas, e teem esgotado os recursos de suas industrias para pagal-as, sem o conseguirem ainda. Os rendimentos das ricas abbas e dos conventos são presa asada para os tentar.

Apresentando-lhe os males que os cenobitas causam ás povoações, e o numero excessivo que peja suas provincias, apontando-lhe ainda a facilidade de pagar parte de suas dividas, applicando para isso os thesouros das comunidades, creio que se poderá decidil-os a começar esta reforma.

E depois é de presumir que quando tenham gosado parte da secularisação de alguns beneficios, o desejo de mais possuir os levaria a trazer o resto.»

* * *

E de mais, o clero não precisa, nem nunca precisou de ser tutelado por alguns dos poderes civis. Desde os primeiros seculos do christianismo a Igreja e seus ministros possuiram bens, e fora sempre a Igreja e seus ministros quem os administrava. E como não ser assim se antes que Portugal tivesse um principe que ornamentou a frente com a coroa da realza, e antes que este torrão fosse chamado um estado, e tivesse leis e magistrados, já a Igreja lusitana existia, com seus bispos, com o seu clero regular e secular, com as suas rendas, com os bens que por seculos lhes pertenciam. Portanto, se a Igreja é mais antiga que o Estado, se os bens da Igreja já existiam antes que Portugal fosse arvorado em reino; com que direito vem agora o Estado tomar conta d'esses bens e tornar-se tutor do clero?

Certo que não é por servir a Igreja, e antes por servir a Revolução, que ha mais de meio seculo amontoara ruinas sobre ruinas n'este malfadado paiz.

Um leitor de gazetas.

SECÇÃO LITTERARIA

NO BAILE

No fulgor deslumbrante dos lustres, em delirios o baile crescia!
Fluctuavam libertas as tranças,
da fulgente prisão, que as cingia!

Na parede os espelhos dourados, o tumulto, o salão retratavam;
cada braço envolvendo uma dama, mil sorrisos, que lá se trocavam!...

Que incerta nota tremente,
no piano de repente,
resouu?!

O que foi que a multidão,
ao fundo alem, do salão,
agrupou?...

Como a flôr da veiga amena,
no caule, a fresca açucena
descaida,
tal a fonte desmaiada
lhe pendeu assim gelada
para a vida.

Inerte, branca de neve
a bocca gentil, tão breve
meio cerrada,
e a mão, no aroma um jasmim,
no teclado de marfim
repousada.

Mimosa, fragil roseira,
que o temporal na carreira
envolveu!

Ave modesta na alvura,
que a setta alem, na espessura,
surprehendeu!...

E o baile cessára! Escoaram se os grupos;
cerraram-se as portas; silencio reinou!
Ficava, entre accesos brandões, uma eça.
no chão uma rosa, que o baile soltou!...

*Mattos Ferreira,
prior em Cintra.*

SECÇÃO NECROLOGICA (1)



A' memoria da Ex.^{ma} Snr.^a D. Antonia
Rebello Cardoso de Menezes

REALISA-SE no dia 12 do proximo fevereiro o primeiro anniversario do luctuoso passamento da Ex.^{ma} Snr.^a D. Antonia Rebello Cardoso de Menezes, fallecida n'esta cidade, cunhada do nobre conde de Margaride, e irmã do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Arcebispo de Larissa, dos Ex.^{mos} Snrs. Bernardino de Menezes, José de Menezes, e da Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria da Conceição Menezes, a cuja mui distincta familia me acho ligado com os viuculos de respeitadas relações, e por o doce e terno sentimento, que se chama—dedicação. gratidão, amizade; sentimento sublime que é certamente uma suave consolação nos infortunios, um sagrado balsamo nas tristezas, e,—se assim posso dizer—é como a aurora d'um sorriso no meio d'uma chuva de lagrimas, que sulcam as faces desbotadas dos parentes,—e do obscuro e ignorado admirador dos meritos da illustre extincta que subcreve estas linhas,—quando commemoramos a preciosa falta de uma carinhosa e estremecida irmã e cunhada, e de uma respeitabilissima snr.^a que me recebeu sempre com a maxima deferencia;—a quem guiou, no meio d'esta tão ephemera como angustiosa vida, a esplendida luz da religião catholica,—e a quem encaminhou de continuo, nas estreitas veredas da nossa tão curta como atribulada existencia, a virtude e só a virtude!

Não importa, que o devastador furacão gelado da morte reduzisse o seu corpo a um punhado de cinza, que espalhou por de sobre a terra!

(1) Por incommodo de saude do encarregado d'esta secção, deixamos para o numero seguinte o que havia de sabir n'este.

A REDACÇÃO.

Não importa, que terminasse já a sua angelica existencia n'esta terra d'enganos e de miserias, aquella de quem nos recordamos saudosos, e que, sem duvida, goza das alegrias e dos canticos celestes!

Sim... que importa o seu passamento?!

Nós sabemos que ella está bem lá na patria dos justos e dos eleitos do Senhor!

Mas, nada estorva trazermos á lembrança a sua imagem idolatrada, e seja-me permittido, ao menos, prantear aqui a sua perda ingente, que indelevelmente ficara gravada no grato coração dos muitos a quem amou e estimou, e desfolhar por de sobre a sua campa as amargas saudades e pungentes tristezas, que a sua memoria nos deixou em penhor de suas grandes virtudes, acompanhando sua desolada e illustre familia em tão dolorido anniversario, e unir as minhas ás suas orações pelo eterno descanso da que, em vida, nos mereceu todas as dedicações, e se chamou D. Antonia Rebello Cardoso de Menezes.

Guimarães, janeiro de 1889.

*Padre Joaquim Ferreira de Freitas,
parcho de S. Paio.*

RETROSPECTO DA QUINZENA

PARA dar cabida á famosa Encyclica do SS. Padre Leão XIII, deixamos outros artigos e supprimimos n'este numero as gravuras, porque as melhores illustrações com que podemos adornar as paginas do *Progresso Catholico* são as palavras do Papa, são os ensinamentos do Vigario de Jesus Christo.

Vae, pois, o notavel documento pontificio todo n'este numero, o que deve ser bem agradavel a nossos leitores, amantes todos do Papa-Rei, do Prisioneiro da Revolução.

Foram importantes as festas com que terminou em Roma o Anno Jubilar de S. Santidade. O nosso esclarecido collega—*A Correspondencia de Roma*, descreve assim a manifestação havida no Vaticano no ultimo dia do anno:

«A's tres horas em ponto o Summo Pontifice, revestido de murça de veludo vermelho e arminhos e com a estolla papal, desceu em liteira pela escada da capella do Sacramento, onde o esperavam o Sacro collegio, os Arcebispos e Bispos, e o Cabido e Clero de S. Pedro tendo á sua frente Monsenhor Persico, Vigario da Basilica. Depois d'alguns momentos d'adoração, Sua Santidade passando pela nave lateral que estava fechada com grandes cortinados de da-

masco, dirigiu-se á capella da Piedade no fundo da igreja, por onde fez a sua entrada solemne em S. Pedro, como no dia da Missa d'ouro.

Na capella da Piedade revestiu-se o Summo Pontífice com os paramentos pontificaes, e tomou a *sedia gestatoria*.

Eram tres horas e um quarto quando do grande cortinado do arco da capella da Piedade começaram a avistar-se as candidas plumas e as alabardas reluzentes dos Suissos. Um murmurio immenso se suscitou pela Basilica e todas as vistas se fixaram no fundo do templo. Entretanto começava a desfilar o imponente cortejo. Vinham primeiro os clérigos do seminário Vaticano, depois os conegos, beneficiados e clero da Basilica, em seguida os Patriarchas, Arcebispos e Bispos, os collegios da Prelatura, depois o Sacro Collegio dos Cardeaes, finalmente toda a Corte pontificia precedida pelo cruciferario e pela Guarda Nobre. Tinha se formado um profundo silencio em todo o templo, a multidão estava immovel esperando ansiosa a sahida do Santo Padre. Finalmente abre-se o grande cortinado e um alarido d'acclamações saudou a apparição de Leão XIII. Sobre a porta principal da basilica resoam as tradicionaes trombetas de prata, mas o seu som some-se no meio dos vivas entusiasticos que retumbam pelas gigantescas arcadas. O Santo Padre vinha sobre a cadeira gestatoria, entre os flabellos, com o manto pontifical e mitra branca refulgente de riquissimas pedrarias. A mais viva commoção lia-se claramente no augusto semblante do Summo Pontífice, que debruçando-se affectuosamente d'um e outro lado, erguia o braço abençoando com evidente effusão do coração a immensa multidão que delirantemente o saudava com altíssimos gritos de acclamação, e se prostrava devota agitando os lenços e chapéus. Espectaculo que a nossa pena não pode descrever!...

Foi um verdadeiro triumpho!

A commoção era geral. Via-se muita gente com as lagrimas nos olhos. Nunca se vira demonstração mais affectuosa, mais espontanea, mais universal. Cerca de oitenta a noventa mil pessoas manifestavam ao Pae Commum dos fleis a sua sincera dedicação, o seu vivo e profundo amor.

E este triumpho do nosso S. Padre teve um caracter muito particularmente significativo, e foi por este facto muito maior que o do dia da Grande Missa. N'aquelle dia estavam em S. Pedro cerca de 60 mil catholicos de todas as nações que tinham vindo a Roma para assistir ás bodas d'ouro de Sua Santidade; mas d'esta vez, salvo muito poucos estrangeiros que se encontram em Roma, a multidão compunha-se de Romanos. Não era o mundo catholico que experi-

cia a sua dedicação ao Summo Pontífice, era Roma que protestava solemne e unanimemente contra os inimigos do Papa, contra os estranhos que pretendem roubar-lhe a sua maior gloria, o que constitue a sua verdadeira grandeza, o privilegio unico entre todos os povos da terra, de ser a séde do Vigario de Christo.

O Santo Padre atravessou lentamente a grande nave no meio de incessantes e fragorosos vivas e palmas; e quando chegou ao altar da Confissão, do coro situado junto do pilar da Veronica resoaram as harmoniosas notas do *Tu es Petrus*, intoadas pelos cantores da capella Julia. Mas os gritos d'acclamação abafavam o bellissimo canto que apenas se poudo ouvir quando o Papa desceu da cadeira gestatoria e cessou o immenso ruido.

O Summo Pontífice, logo que chegou á capella-mor foi ajoelhar-se no faldistorio, onde ficou de joelhos durante toda a função. Depois de exposto o SS. Sacramento, Monsenhor Sallua, Arcebispo de Calcedonia e Commissario do S. Officio, ajoelhado em um dos degraus da Confissão, intouo o Rosario, a que respondeu devotamente a multidão até ao fundo da basilica.

Assistiam o Santo Padre dois prelados, conegos de S. Pedro, Monsenhor Casali, servindo de Diacono, e Monsenhor Tripepi de Subdiacono.

Terminado o Rosario, Sua Santidade, levantando-se em pé, intouo o *Te Deum*, que foi alternado pelo Sacro Collegio e o Clero e pelo immenso povo (1) que respondia de todas as extremidades do vastissimo templo, o que produzia um effeito que é impossivel descrever-se.

Depois do *Te Deum*, o S. Padre deu do alto do Altar Papal a Benção com o SS. Sacramento, em quanto do alto do maravilhoso zimbório de Miguel Angelo soavam as tradicionaes trombetas de prata, como se usava nos pontificaes do Papa.

Assistiam Sua Santidade, Monsenhor Sinistri, Prefeito das ceremonias pontificias e outros Mestres de Ceremonias, os Conegos de S. Pedro, e os Prelados e o Clero Vaticano.»

Não ha meio de que não lancem mão os carcereiros do SS. Padre para o insultarem, para desrespeitar a auctoridade da Igreja, para blasphemar das cousas mais santas e mais dignas de respeito. Cobardes, não lhes basta ter prisioneiro o Papa; querem ainda, e conseguem-no, insultar o preso!

A seguinte noticia que nos dá a *Correspondencia de Roma* mostra a medi-

(1) Se lá está o Vice achava tudo desafiado e era capaz de mandar calar todas aquellas vozes.

da dos attentados todos os dias realisados na cidade dos Papas, contra Deus e o seu Vigario. Admire-se:

«Nunca desde 1870 se tinha visto em Roma uma profanação tamanha e tão monstruosa como a que nos horrorisou n'estes ultimos dias. Um asqueroso annuncio theatral em letras cubitales, affixado pelas ruas e praças de Roma, em que se profanava o tremendo nome de Jesus Christo, promettia-se expor o Divino Redemptor ao ludibrio da canalha no mais indecente theatro de Roma, tristemente celebre por escandalosos espectaculos de impiedade e de immoralidade.

E esta profanação de immundos histriões toma um caracter ainda mais grave por ter sido precedida d'outra, velada com formas aristocratas, mas não menos digna de execração, isto é o annuncio da publicação da *Vida de Jesus Christo* escripta pelo ex-ministro Bonghi, chefe dos liberaes moderados, e editada por um torpe especulador das mais escandalosas obscenidades.

No mesmo dia viram-se as esquinas das ruas, por toda a cidade, cobertas dos impios annuncios do drama *Jesus Christo*, ao lado de grandes imagens do Redemptor que serviam de reclamo á obra de Rugerio Bonghi.

Eis aqui a que está reduzida a Capital do mundo catholico.

Mas se o monstruoso e execravel ultrage ao nosso Divino Redemptor nos enche de horror e de indignação, não pode de modo algum surpreender-nos. Os violadores da auctoridade da Igreja, os que insultam e arrastam na lama a veneranda magestade do Pontífice Romano, deviam acabar por insultar o mesmo Christo; os que começaram por saudar com o judaico *Ave Rex* o Vigario de Jesus Christo, deviam terminar renovando contra o mesmo Christo as ignominias do Pretorio.

É assim que os auctores da lei das garantias fazem de Roma a sede DIGNA e RESPEITADA do chefe da catholicidade!

E a presenciar tudo isto, a policia de braços cruzados, a rir, a esfregar as mãos de contente porque assistia a mais um insulto feito ao Papa e a todos os bons filhos da Santa Igreja!

Quando chegará a hora dos castigos para tantos crimes? Quando, meu Deus?

O que se faz n'um paiz protestante! Como são mais felizes os povos regidos por um governo que não blasona de catholico, do que aquellos que são governados por principes que devem ser catholicos, por leis que declaram religião do Estado a religião Catholica!

Compare-se o que se pratica na Inglaterra com respeito ás Ordens religiosas, com o que se observa em Portugal, onde ha gente tão boa de conten-

tar, que chega a mandar cantar um *Te-Deum*, repicar os sinos, tocar as philarmonicas, estourar foguetes, porque o governo nosso senhor se dignou, depois de fallecida a ultima freira professa, deixar estar provisoriamente as seculares no convento supprimido!

Mas vamos á noticia, que deve alegrar todos os corações catholicos, com aspirações mais elevadas, mais grandiosas que as do companheiro do *Vice*, e do proprio *Vice* que arraza capellas e tomba as imagens de seus altares:

«Em dezembro ultimo, no dia em que a Igreja celebra o mysterio da Immaculada Conceição da Mãe de Deus, celebrou-se uma cerimonia que raras vezes se viu na Inglaterra desde a reforma protestante.

N'aquelle dia deu-se posse da abbadia benedictina de Bergolt á nova abbadessa Maria Gertrudes Lescher, á qual o bispo de Northampton, rodeado de grande numero de padres benedictinos, entregou o anel e o baculo, insignias da sua dignidade.

Esta comunidade fundou-se em Bruxellas por uma filha do conde de Northumberland, emigrado do seu paiz por causa das perseguições religiosas.

Expulsas da Belgica pela revolução, voltaram as benedictinas á Inglaterra, onde ha paz religiosa, depois de tres seculos de perseguição, e ahi, com as suas tradições, hoje, como antes, sob o tosco saial, se occultam os mais respeitáveis appellidos de catholicos ingleses. A abbadessa actual é a decima oitava na successão desde a fundadora, Lady Joanna Berkeley.»

Mais um! Leiam os amigos e até os inimigos de Lourdes, a noticia que um amigo nos envia:

«Tendo eu—Manoel Fernandes Barros—ido á França e permanecido 5 semanas n'uma das casas de D. Bosco quando voltei a Portugal (foi pela occasião da vinda da peregrinação portugueza) vim por Lourdes visitar nossa Mãe SS. e alem d'outros objectos de devoção trouxe tambem uma pouca da agua milagrosa; no dia seguinte ao de minha chegada, ou poucos dias depois, uma pobre mulher, minha vizinha que tinha seu marido a morrer e desengano da medecina, pois que os medicos tinham já abandonado o enfermo, e dito á pobre mulher que o fosse entretendo com remedios caseiros, me veio pedir, chorando, uma pouca d'agua de N. Senhora de Lourdes, que eu lhe dei com todo o gosto, e eu mesmo lhe levei ainda uma pouca n'um calix pequeno com a qual elle (enfermo) se persignava e bebia; apenas isto fez principia de melhorar que dentro em poucos dias

principiou a trabalhar, e lá anda pelo mar, como maritimo que é, com boa saude. O que não fez a medicina felo a Virgem SS. de Lourdes por meio de sua agua milagrosa. E' mais um milagre para abrir os olhos da alma aos desgraçados impios que os trazem tapados como uma bota. O Bom Deus se compadeça d'elles, coitados!...»

Que tal é o bicho!

«Os jornaes de Londres dão noticia de ter chegado áquella capital um gigantesco sino com destino á igreja de S. Paulo.

Este sino pesa 77 toneladas, e foi transportado para Londres em uma grande zorra de madeira puxada por uma locomotiva.

O sino é de cobre e estanho, e o seu som deverá ouvir-se perfeitamente a 100 kilometros de distancia. O fim principal a que é destinado o enorme sino é o de dar as horas de modo que se destaquem e se ouçam apesar do estrepitoso bulicio de Londres. Além d'isso, anunciará o fallecimento e os funeraes dos membros da familia real, do bispo de Londres, do deão da cathedral e do lord mayor».

Deus o conserve bem longe de nossos ouvidos!

E se o snr. Martins de Carvalho, pilhava um sino assim, para tocar a fogo ao presentir jesuitas pela porta!

E' horroroso o que os jornaes do Brazil narram da grande sêcca que está soffrendo os povos do Ceará. A sêcca vae succedendo a fome, e os habitantes d'aquellas paragens fogem aos milhares deante do terrivel flagello.

Eis um telegramma expedido da Fortaleza, cidade da provincia do Ceará:

«Fortaleza (Ceará), 13 de dezembro—São aterroradas as noticias do interior da provincia e até dos arredores d'esta cidade. A falta de agua é espantosa, manifestando-se em localidades que foram poupadas pelo flagello de 1877. E' grande a carestia de viveres. Em alguns districtos populações de milhares de individuos apenas se alimentam com raizes, entre as quaes a da mucucan, e com os parcos productos dos carnubas, já quasi exterminados pelo machado dos famintos e pela sêcca de 20 mezes.»

Que medonha calamidade! Deus Nosso Senhor se compadeça d'aquelles nossos irmãos, e affaste de nós tão medonho agoite.

Commemorando os mysterios augustissimos do Nascimento, Circumcisão e Epiphania do nosso Divino Salvador, mandou S. Em.^a R.^{ma} o Sur. Arcebispo

Primaz distribuir por varios estabelecimentos pios e pessoas necessitadas do Arcebisado a quantia de 553,000 reis, do cofre das multas, etc.

Assim procedem e assim procederam sempre os descendentes dos Apostolos.

Que tal seja a gente que nas altas e baixas esferas officiaes impera em Roma, conhece-se pelo seguinte facto, que é narrado por um jornal da cidade eterna:

«No tempo do governo pontificio, os Bispos e Arcebispos tinham o direito de visitar os hospitaes de Roma sem se munirem de permissão. Depois de 1870 continuou o mesmo systema.

«Ha dias, um Bispo, vindo a Roma por causa do Jubileu, quiz aproveitar-se d'isto. Apresentou-se á porta do hospital do Espirito Santo pedindo para o visitar. Os empregados deixaram-no entrar.

«O bispo tinha já atravessado a sala grande quando appareceu o inspector Ballori, que perguntou aos seus subalternos quem era aquelle Bispo que visitava assim aquelle hospital sem que elle o soubesse.

«Um medico observou ao snr. Ballori que os Bispos entravam, segundo o costume, no hospital sem permissão. O inspector exclamou: «Quer seja Papa ou Bispo, ponde-o na rua, expulsaes-o do hospital!»

«Surtiu viva discussão entre o Bispo e o medico eucarregado de o mandar pôr na rua.

«Por fim o Bispo retirou-se, não sem observar que o inspector do hospital do Espirito Santo era um homem pouco ao corrente das regras da delicadeza.»

Um liberalão de marca maior, este inspector do hospital do Espirito Santo! E não admira, porque na Italia, os empregados publicos devem ser todos da laia d'este marmanjo, que, em outro paiz, e se não tivesse diante de si um Bispo, correria o risco de pagar caro a grosseria.

Mas viva a Italia una!

O periodico de labores para senhoras «La Bordadora», que com acceitação sempre crescente dirige ha onze annos em Barcelona o Sr. D. Jaime Brugarolas, distribue com o caderno 173, um esplendido «Regalo» aos seus subscriptores do corrente anno. E' um chromo a trinta côres, modelo de um quadro marco para retrato.

A tiragem d'este chromo, se ha realisado em Barcelona com extrema mestria na lytographia do Sr. Costa. A bem disposta combinação das côres e o gosto artistico d'este regalo, tirado

sobre luxuoso papel e o fundo que pa rece velludo, é completamente novo em Hespanha na arte lytographica e é o primeiro trabalho que temos visto executado d'esta maneira, fazendo do mesmo uma obra por todos os modos recommendavel, pois nella se vê o grande adiantamento d'esta industria n'aquelle paiz, pelo que damos o mais cordel parabem a quantos n'ella tomaram parte e ao nomeado Director e proprietario de «La Bordadora», por seu afan em acreditar este periodico e em comprazer os seus numerosos subcriptores.

Subscreve-se em Barcelona, Escudil-ler-55-principal.

De Barcelona partiram ha dias no va-por *Antonio Lopez* sete irmãos com o respectivo superior, do instituto reli-gioso de Santa Theresza de Jesus, com direcção a *Puebla de los Angeles* (Mexi-co) onde vão estabelecer uma casa de instrucção e ensino em harmonia com o seu instituto.

Aguardemos agora as noticias que chegam a vôr se no Mexico são trata-dos como o seriam em Portugal, os virtuosos filhos de Santa Theresza.

Diz o *Correio da Manhã*, de Lisboa, que os professores primarios de Mace-dão de Cavalleiros teem apenas *quinze mezes* de atraso nos pagamentos de seus ordenados!

E não querem grades! Pois V. Ex.^{ma} senhores liberdadeiros, que tanto fal-lam em instrucção, e que não pagam aos professores, porque não querem os fradinhos, que abriam as suas escolas ao povo, *grazás*, e sem pedirem um feal ao governo? Deixem-se de arotas, di-gam a verdade ao povo, mostrem-lhe o antigo convento com o pão e o caldo á portaria, para os pobres, e com as vastas salas das aulas onde, todos ti-nham entrada, onde os filhos do pobre recebiam instrucção superior, proprieda-de, hoje, unicamente dos filhos dos ri-cos. Digam-lhe a verdade, e deem-lhe grades, que com elles dão-lhe o pão do corpo e do espirito.

Deixemo-nos de intrujices!

É caso para espanto a leitura em Portugal da seguinte noticia que o Tele-grapho transmittiu ha dias, e que nós ar-chivamos chamando para ella a atten-ção dos leitores e dos governos. Eli-a: «Liverpool 21.—O tribunal condem-nou hoje a 14 dias de prisão e a 20 libras de multa um livreiro, por ven-der romances de Zola.»

Por cá, por este paiz do rei fidelis-simo—faz se o contrario—não vão aos tribunaes os livreiros, antes se lhe dá commendas. Um jornal do Porto, dos que davam a noticia, anda publicando um romance do dito Zola!

J. de Freitas.

Numeros premiados na ultima lote-ria de Lisboa, do anno de 1888, e que são tambem os que obtiveram o Brinde offerecido pelo *Progresso Catholico*, aos seus assignantes que pagassem a assi-gnatura do 11.º anno, e mais 150 reis para habilitação ao Brinde, conforme o programma espalhado em o n.º 15 do 10.º anno:

24—28—38—44—66—68—80—83
86—102—103—118—123—133
138—151—164—167—169—180
186—188—191—193—203—204
205—209—215—225—227—254
256—257—258—272—286—307
312—316—329—336—345—350
363—377—380—382—436—444
457—479—489—493—503—510
539—545—552—568—571—599
619—634—643—652—658—673
691—697—703—709—736—763
773—789—802—807—823—832
833—839—880—882—914—941
969—978—990—993—1019—1022
1025—1039—1054—1071—1075
1086—1093—1103—1106—1112
1126—1127—1139—1156—1157
1166—1171—1187—1188—1193
1203—1209—1217—1242—1260
1265—1275—1305—1327—1330
1361—1371—1375—1382—1386
1400—1409—1412—1429—1430
1439—1441—1446—1447—1467
1472—1479—1495—1504—1514
1516—1519—1526—1538—1550
1560—1567—1578—1581—1599
1603—1609—1611—1623—1628
1630—1633—1642—1648—1649

JESUS VIVO NO PADRE

CONSIDERAÇÕES

Sobre a excellencia e santidade do sacerdocio

PELO REVERENDO PADRE MILLET, DA COMPANHIA DE JESUS

Versão da terceira edição franceza pelo Rev. Padre M. M. d'Almeida, of-ferecida ao Em.^{mo} snr. CARDEAL D. AMERICO BISPO DO PORTO e a todo o Venerando Episcopado Portuguez

Com approvação do Em.^{mo} Cardeal-Bispo do Porto, Arcebispo de Mitylene, Arcebispo de Perga, Bispo d'Angra, Bispo do Algarve, Bispo de Lamego, Bispo de Bragança, Bispo de Vizeu, Bispo da Guarda, Bispo Conde, Bispo de Beja.

José Fructuoso da Fonseca. Editor

Preço, 700 reis—Pelo correio, 760 reis

Vende-se na administração do «Progresso Catholico» em Guimarães e no Porto na administração da «Palavra».

ANNUNCIOS

1656—1663—1666—1667—1673—
1676—1700—1701—1702—1708—
1711—1730—1735—1748—1770—
1779—1780—1794—1804—1811—
1814—1817—1832—1833—1841—
1842—1849—1859—1861—1869—
1873—1879—1884—1901—1905—
1914—1927—1941—1946—1949—
1952—1961—1967—1971—1975—
1989—1995—2005—2010—2014—
2018—2021—2034—2040—2044—
2051—2071—2074—2077—2083—
2093—2099—2109—2115—2116—
2117—2130—2131—2137—2143—
2149—2163—2164—2174—2206—
2223—2226—2227—2230—2231—
2238—2242—2247—2255—2262—
2270—2297—2298—2309—2311—
2314—2327—2328—2332—2336.

(Continua)

O PROGRESSO CATHOLICO

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Illas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 1\$000 reis—Estados da India, China, e America, 1\$320 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis.

As assignaturas são pagas adiantadamente, não se recebem por menos de um anno, e este principia em 30 de Outubro

Toda a correspondencia dirigida a Teixeira de Freitas—rua de S. Damaso, 5 a 9—Guimarães